

Século XXI: tempo da ciência e do progresso – transhumanismo?

*Twenty-first century: time of science and progress – transhumanism?
En el siglo veintiuno: el tiempo de la ciencia y el progreso – el transhumanismo?*

Olinto Antonio Pegoraro*

TEMPO DA CIÊNCIA

Nos séculos passados, tivemos o tempo da Metafísica, o tempo da Teologia, o tempo da exaltação da Razão Iluminista; hoje, continuando o século XX, entramos no tempo da Ciência, aparentemente, toda poderosa, sendo que os progressos estimulam esse sentimento.

Recentemente, a ciência avançou muito na biologia humana pelo estudo do DNA e do nosso Genoma. Os avanços são tais que espantam os próprios pesquisadores, e tornam-se cada vez mais frequentes as perguntas sobre a necessidade de uma orientação, de um controle social, ético e jurídico nessa área tão delicada quanto complexa e misteriosa.

Neste início de século, os cientistas conseguem injetar, em animais, genes, tecidos e células humanas. A finalidade dessa pesquisa é, como sempre, detectar doenças e possíveis caminhos de curá-las, isto é, a prioridade dos cientistas é o bem-estar do ser humano.

Mas esse campo misterioso é também objeto das ficções científicas e da arte cinematográfica, como o filme recente “Planeta dos macacos: a Origem”, no qual estudiosos que pesquisavam a cura de doenças humanas criaram uma espécie de macaco com raciocínio e linguagem humana.

Os pesquisadores reais e acadêmicos percebem que a ciência está próxima de concretizar certas ficções antecipadoras da realidade, o que geraria repulsa da comunidade humana a experiências científicas bem intencionadas.

Outra situação preocupante é a tentativa de substituir as demoradas e custosas seções psiquiátricas por pílulas que, em um instante, apagam a memória de um trauma, como um assassinato, um desastre de carro, a morte de um parente. Porém, este “atalho” tecnológico interfere na mais profunda interioridade humana, sem condições

de saber se atinge apenas um pontinho da memória (um trauma), como fazemos ao tratar uma pequena ferida em um dedo. Não é nada fácil a intervenção “pontual” na misteriosa e complexíssima área psíquica, que é, ao mesmo tempo, inteligência, vontade, memória, liberdade e desejo. Por isso os tratadistas em Bioética são unânimes em levantar objeções a esse procedimento, que pode destruir a identidade pessoal, construída pela experiência histórica de cada um de nós: eu sou minha história. Que história, se uma pílula a apagou? Da nossa interioridade falaremos adiante.

Vai neste sentido cautelar o relatório da “Academia de Ciências Médicas” da Inglaterra publicado em 2011. O documento conclui com a sugestão de se criar um Órgão Especial para regulamentar os trabalhos dos pesquisadores que possam gerar, em animais, funções especificamente humanas, como o raciocínio e a fala para expressá-lo. O Órgão Regulador não seria composto apenas por cientistas, mas também por representantes da sociedade, o que é muito importante, como veremos adiante.

Essa preocupação vem de longe. Cabe recordar a pergunta central a que chegaram cientistas em dois congressos: um de biólogos realizado em 1975, e o segundo, de especialistas em computação, no ano de 2009. Em ambos os eventos, chegou-se a esta pergunta: deveremos pensar em algum limite para a pesquisa científica? Esses limites seriam de ordem ética? A quem caberá tomar essa decisão: aos próprios cientistas, ou a uma autoridade externa ao campo científico?

Em julho de 2009, a “Associação para o Avanço da Inteligência Artificial” realizou um Congresso nos Estados Unidos (Califórnia). Os participantes vinham todos da área de computação, robótica e inteligência artificial. O Congresso realizou-se em Asilomar, mesmo lugar onde, em 1975, cientistas em biologia deram início aos

* Doutor em Filosofia. Pós-Doutor pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Professor do Centro de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: olintopegoraro@gmail.com

projetos de engenharia genética, hoje na vanguarda da ciência. Naquela ocasião, já distante do tempo, discutiu-se a possibilidade de modificar as formas de vida, vegetal, animal e humana, a partir da troca de material genético entre organismos diferentes. Não escapou aos biólogos que nesse tipo de pesquisa vêm embutidos muitos problemas éticos: será ético mudar nossa identidade biológica e natural? Que tipo de humanos a biologia poderá produzir? Serão ainda seres humanos?

Essas perguntas importantes sugerem limites nas pesquisas biológicas, coisa que não é muito do interesse de alguns dos pesquisadores. Quem estabelecerá os limites? Com que autoridade? Seriam limites ditados por filósofos, por governantes, líderes religiosos? De qualquer forma, a ideia de limites na pesquisa científica esteve bem presente aos congressistas em biologia dos anos 70. Essa mesma pergunta acerca dos limites éticos circulou fortemente no congresso de cientistas em computação em julho de 2009, sobre a inteligência artificial. Impressionam alguns exemplos. Há tipos de robôs capazes de abrir uma porta e procurar uma tomada de luz, por “decisão” própria, sem, portanto, intervenção da inteligência natural. Igualmente, aviões, não tripulados, parecem “decidir” autonomamente sobre a conveniência ou não de destruir uma base inimiga. Há também vírus de computador que parecem modificar-se por “decisão própria”, driblando a mente natural.

Esses avanços fantásticos em computação e biologia comportam também problemas. Não podem evitar perguntas semelhantes às dos biólogos: estaria o ser humano perdendo o controle da máquina que criou? Os sistemas de computação são usados livremente pela sociedade com muitas vantagens, rapidez e conforto; mas podem ser usados também pelos inimigos da sociedade, ameaçando destruir cidades inteiras; isto é, nas mãos dessa gente, o sistema computacional pode converter-se em arma mortal. Na era eletrônica, as pessoas se sentem mais livres beneficiadas por aparelhos que facilitam a vida moderna. Por outro lado, cresce nas pessoas a sensação da perda cada vez maior da privacidade e da segurança em seu próprio lar. Igualmente, a robótica já fez milhões de desempregados em todo o mundo. Em décadas passadas, na construção de um prédio, trabalhavam centenas de operários que levavam anos para a conclusão da obra. Hoje se faz a mesma obra com dez operadores de máquinas que entregam em meses a construção.

Alguns cientistas da computação imaginam que será, um dia, possível uma proliferação, uma “explosão” da inteligência artificial, que seria capaz de produzir “máquinas inteligentes” que construiriam outras máquinas ainda mais inteligentes; imaginação que foi popularizada pela literatura de ficção e pelo cinema.

Por muito tempo, esse sonho de alguns cientistas ficará animando ficções, mas não são ficção os problemas éticos levantados no parágrafo anterior a partir de exemplos que acontecem cada dia. Por isso, os cientistas em computação colocaram, em 2009, a mesma pergunta dos biólogos dos anos 70 do século passado: teremos que pensar em limites éticos para a pesquisa científica? Quais? Que autoridades determinarão esses limites? Estaria o ser humano perdendo o controle da máquina que construiu?

O VALOR DA INTELIGÊNCIA

Antes de prosseguir, é oportuna uma parada reflexiva sobre a força da inteligência natural. A realidade mais admirável que existe não é a imensidão do céu rodando vertiginosamente, nem os mares, a beleza de tantos panoramas naturais, mas acima de tudo isto está o esplendor desta coisa única no universo: nossa inteligência. Sim, somos os únicos seres pensantes no universo. A capacidade de meditação nos lança para a infinitude até a divindade e para a profundidade do mundo subatômico e, especialmente, nos eleva acima das leis de nossa biologia e nos introduz no campo onde vigora a lei moral, diz Kant.

Essa nossa dimensão maior e única, hoje, é pesquisada por cientistas como foi pelos filósofos de todos os tempos. Ao lado dessa inteligência viva, natural, que tanto nos enche de admiração, crescem os estudos sobre a inteligência artificial e muitos temem que essa, um dia, suplante aquela. Reflitamos um pouco sobre a inteligência natural e sua relação com a inteligência artificial.

Em todos os tempos, os pensadores distinguiram, na inteligência, várias maneiras de entender as coisas: a inteligência meditante, calculante, intuitiva e emocional. A inteligência calculante esforça-se por chegar a conclusões certas como as deduções matemáticas, a geometria ou o princípio metafísico da existência: um ser não pode existir e não existir ao mesmo tempo. Exemplos extraordinários desse tipo de inteligência são Aristóteles, Tomás de Aqui-

no, Kant, Einstein e todos os cientistas modernos e contemporâneos, que buscam a certeza nos conhecimentos.

O segundo modo é a inteligência meditante. A inteligência medita sobre o sentido das coisas no contexto global: que sentido, que significado tem o ser humano no universo? Essa forma de inteligência não define, em primeiro lugar, o que cada coisa é (pergunta do metafísico, cientista calculante, matemático), mas tenta descobrir sua função, seu papel no conjunto dos outros seres. Pensadores desse tipo foram Platão, Sócrates, Santo Agostinho, Pascale, Hegel, Marx, e, hoje, Heidegger e Bergson.

A inteligência intuitiva é, talvez, uma composição das duas anteriores. Em todo caso, esse tipo de inteligência vai direto ao fundo das coisas, sem longas deduções, sem etapas e passos a percorrer: mergulha direto no que as coisas são e que sentido fazem na totalidade do mundo. É claro que todos os pensadores anteriormente citados, em algum momento, tiveram intuições, mas esse tipo de pensamento é bastante claro nos místicos, poetas, músicos e santos de todos os credos. Eles tinham total evidência do que são as coisas deste mundo, para que servem e para onde nos levam. Por isso, suas preleções atingiam em profundidade a mente dos seus seguidores, que as aceitavam imediatamente como verdades autoevidentes. Foram os sucessores desses profetas que criaram as doutrinas racionalizadas e longas listas de preceitos.

A quarta modalidade é a inteligência emocional, muito semelhante à intuitiva. Parece que ela fala diretamente à nossa sensibilidade exterior. Assim, o romance, as novelas, os filmes e a arte passam mensagens profundas por meio dos sentidos. Desse tipo são também as fábulas, as metáforas e as narrações míticas.

Essas quatro maneiras de abordar nossa inteligência natural ficariam reduzidas se as destacássemos do mistério insondável que é nossa mente. Todas as nossas descrições são meras aproximações didáticas para dizer alguma coisa sobre essa realidade abismal.

Em nossos dias, juntaram-se aos “Mestres-proféticos” e aos filósofos de todos os tempos os cientistas que abordam a mente em pesquisas laboratoriais. Seu projeto é investigar formas de inteligência artificial. Certamente, a robótica é um artifício construído por pessoas com muita inteligência natural. Um computador é uma espécie de inteligência artificial. É evidente que essa máquina facilita muitíssimo a vida moderna: com ela fazemos contas bancárias, compras, o correio virou eletrônico, etc. A Internet

é o dicionário mais completo do mundo e a biblioteca universal que abriga os livros do passado mais longínquo e as últimas publicações.

O advento da inteligência artificial criou perplexidade em muitas pessoas; será que nossa mente funciona como uma máquina? Seremos, de fato, um robô? O que restaria de nossa mente que, em todos os tempos, foi tida como espírito no homem? São perguntas inquietantes e nada destituídas de propósito; pelo contrário, colocam perguntas da maior profundidade, como veremos nas páginas que seguem.

CIÊNCIA E TÉCNICA

A história moderna foi definitivamente marcada por algumas revoluções científicas. A primeira, a mais estrondosa, aconteceu no século XVII, com a ruptura do paradigma cosmológico: a terra deixava de ser o centro do universo como sempre acreditaram filósofos, teólogos, livros sagrados, mitos e o senso comum. Essa descoberta irretorquível da ciência encerrou concepções filosóficas do mundo, intocáveis desde Platão, Aristóteles e Ptolomeu, desmontou doutrinas teológicas e mudou até o modo de ler e entender a Bíblia: “esta não ensina como giram os céus, mas como se vai para o céu”, sentenciava Galileu. Essa foi a grande revolução do mundo físico, com enormes reflexos nas outras formas de saber.

A segunda revolução científica está em curso: a revolução biológica, que, nos últimos 40 ou 50 anos, revelou leis da vida e explicou fenômenos que antes atribuíamos a forças divinas.

Para a ética, as modificações da vida sempre estão em evidência. Começou com a modificação da estrutura genética de vegetais, em seguida a dos animais e, mais recentemente, a dos seres humanos: já se fala em “construir o homem no laboratório”. Enfim, tudo isto possibilita projetos de reengenharia da natureza humana. O que poderá suceder? Haverá, um dia, dois tipos de seres humanos: um natural e o outro produzido em laboratório? A ficção científica e o cinema já estão trabalhando essa imaginação.

O mundo aplaudiu a primeira revolução: mudava a concepção do mundo físico e colocava problemas teóricos de adaptação das concepções filosóficas até então produzidas. Na segunda revolução, aplaudimos o aprofundamento da genética dos vegetais e dos animais. Agora,

que a ciência biológica alcançou as estruturas humanas, começamos a levantar perguntas, tais como, a que resultados chegaremos no médio e longo prazos? Mudaremos nossa identidade biogenética? Estamos jogando xadrez com os demônios? Essas perguntas, que revelam espanto e angústia, deixam implícitas muitas questões éticas para nós, filósofos, cientistas, religiosos e estudiosos da ética.

Naturalmente, a biotecnologia humana nos acena com um futuro brilhante; vida longa e saudável, livre de doenças ainda incuráveis no presente, e promessa do controle da senescência. Sabemos, porém, que este “admirável novo mundo biológico” levanta inevitáveis questões éticas, jurídicas, políticas e teológicas. É por isso que muitos países já possuem alguma forma de legislação sobre o uso de vários resultados da biotecnologia humana, como a proibição da clonagem, a limitação da pesquisa com células-tronco embrionárias em casos estabelecidos em lei, entre outros.

Há bastante tempo, apareceram os profetas deste mundo humano do futuro. É de 1932 o “admirável mundo novo”, de Aldous Huxley, em que o autor imagina a reprodução humana não mais de modo natural, mas “in vitro”; imaginou também a droga da felicidade para todas as pessoas e a modificação de nossos comportamentos a partir de uso de hormônios artificiais, etc. Em 1949, George Orwell publicou “1984”, em que imaginava a instauração de um governo central autoritário que abolia a privacidade dos cidadãos por meio de uma imensa rede de informações. Enfim, a biotecnologia, como aplicação prática das teorias científicas, desencadeou um imenso progresso no estudo da vida vegetal, animal e humana e, ao mesmo tempo, levantou problemas éticos nunca imaginados.

Antes desse aprofundamento abismal, o progresso era externo e mecânico, que consistia em reforçar e ampliar nossas capacidades corporais. Assim, o avião nos deu asas para voar e superar distâncias, em poucas horas, como nenhum pássaro pode fazer; o automóvel aumentou extraordinariamente nossa capacidade de locomoção terrestre; o telescópio potenciou nosso olho para vermos “a infinitude” cósmica, e o microscópio mostra o mundo infinitamente pequeno dos microorganismos, os genes, e o mundo subatômico. No mesmo sentido vão o telefone, a televisão e os computadores, que nos põem em contato com os confins do mundo como eventos esportivos vistos e ouvidos no instante que acontecem.

Esses estupendos avanços periféricos, nas últimas décadas, se deslocaram para as profundezas da genética, iniciando o controle do processo da vida em seus mais recônditos inícios e possibilitaram o gerenciamento da nossa estrutura biológica pela seleção genética, produção de hormônios do crescimento e pelo controle do esforço muscular, especialmente para as pessoas de idade avançada e pelas técnicas de reprodução assistida.

ASPECTOS ÉTICOS

1. Todos esses maravilhosos progressos colocaram o ser humano nas suas próprias mãos. Nunca tivemos tanto poder sobre nós mesmos. O homem, de fato, pode decidir como ele quer ser e viver. É nesse ponto que intervém o outro componente de nosso ser: a mente. Até aqui tratamos das profundezas da parte biológica do ser humano, campo especialmente caro aos biólogos. A dimensão mental, outro componente da mesma estrutura humana, é a capacidade de entender, refletir e definir rumos e, finalmente, decidir trilhá-los. Pela mente se conduz o biólogo nas suas pesquisas e é a mesma mente que conduz os astrônomos a percorrer o universo. Então essa poderosíssima energia funciona como luz dos sábios, biólogos ou cosmólogos e como guia de todos os seres humanos. Tudo isso, da nossa abismal profundidade genética à nossa capacidade mental de pensar os confins do universo, fez de nós uma realidade tão complexa e misteriosa que nenhum dos nossos saberes e nem o conjunto deles pode abrangê-la por inteiro. É essa totalidade que biólogos, e cosmólogos deveriam ter presente, o que nem sempre ocorre.

Essa existência complexa desafia também juristas, eticistas, bioeticistas, teólogos e filósofos, que, em todos os tempos, formularam teorias metafísicas, teológicas, jurídicas e políticas para entender alguma coisa do ser humano e organizar uma convivência civilizada.

2. Podemos concentrar todos esses esforços sob a denominação geral de ética e bioética. Realmente, os estudos éticos ganharam nova vida nessas últimas décadas de espetacular avanço da biologia. Em uma descrição bem larga e abrangente, podemos afirmar que a bioética é, em primeiro lugar, o estudo ético da vida nas suas três formas conhecidas, vegetal, animal e humana. A segunda parte dessa descrição é o meio ambiente, onde a vida se cultiva. Portanto, a bioética é realmente cósmica, pois abrange

tudo o que forma o ambiente onde cresce a vida. Por isso nosso ambiente, a terra, o sol, ar e água são necessários à vida. Então o avanço da ciência biológica provoca o advento da bioética e essa “irrigou” a ética geral. De fato, agora a ética filosófica tornou-se verdadeiramente universal.

Todas as teorias éticas passadas, grega, medieval e moderna se referiam exclusivamente à vida inteligente, humana, até mais ou menos os anos 50 do século XX, ou apenas 50 ou 60 anos atrás. Essa ampliação da abrangência ética tornou-se premente com os progressos da biologia e com a devastação do meio ambiente, do ar, água, terra e minérios. Todas essas preocupações são, portanto, bem recentes, e nos obrigaram a passar da ética da universalidade restrita à universalidade cósmica. Ou seja, o universo da ética era só a humanidade; sempre se referiu só a esse ser pensante. Agora, como vimos, a universalidade é total: tudo o que existe no cosmos tem valor, qualidade e dignidade ética, em si mesmo.

3. As teorias da bioética começaram a aparecer apenas nos anos 70 do século XX, quarenta anos atrás. A mais antiga e conhecida é a chamada bioética principialista, que trabalha com quatro princípios: beneficência, não maleficência, autonomia e justiça. São quatro princípios fáceis de reter e bem práticos, aplicados especialmente no âmbito da saúde humana: hospitais, laboratórios de pesquisa biológica, laboratórios farmacêuticos.

Esses princípios são, às vezes, aplicados mecanicamente, quase sempre tomados isoladamente e usados como simples normas práticas. Na verdade, esse reducionismo esconde sua origem e profundidade. O primeiro mestre a trabalhar na arte médica à luz da beneficência foi Hipócrates, que nos legou sua prática na forma de juramento, até hoje repetido pelos formandos em medicina. Foi Platão que deu ao bem uma formulação metafísica. A autonomia ganhou máxima expressão e evidência na idade moderna, quando Kant a colocou no centro da ética: o ser humano é “auto-nomos” ou aquele que dá a si mesmo a norma ética como imperativo intransponível, categórico. Na prática bioética, a autonomia garante à pessoa que ninguém fará uma pesquisa, uma intervenção médica em seu corpo sem o seu consentimento livre e esclarecido. E todos os projetos de pesquisas em seres humanos ou com material humano, sangue, esperma, óvulos, por exemplo, devem ser acompanhados de um termo de consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa.

A justiça, o mais difícil desses princípios, é tema de ética desde Aristóteles até os autores de ética e política em nossos dias, como John Rawls. Em bioética, o princípio de justiça determina que o poder público crie condições de atendimento médico para todos os cidadãos em hospitais, ambulatorios e outras casas de saúde. A justiça, pela biopolítica, exige suficiente orçamento público para fazer atendimento universal.

Com princípios semelhantes, o biodireito rege a ética dos animais e da biodiversidade de vegetais, bem como do meio ambiente, que deve ser respeitado para que continue a abrigar as formas de vida.

Todo o esforço ético é reconhecido como fundamental à existência da vida e do meio ambiente. A história, antiga e recente, ensina e adverte que nossa capacidade de decidir, nossa energia mais forte e mais preciosa, pode ser usada para construir ou destruir. Fatos da história recentes ainda clamam contra o uso discricionário do poder e da liberdade de decisão do homem. O avião, estupendo meio de locomoção, é usado também como arma devastadora de populações; a energia nuclear, capaz de iluminar cidades e países inteiros, serve também para destruir milhões de vidas. Hoje, os avanços biotecnológicos têm como nobilíssimo propósito curar doenças físicas e mentais, mas, ao mesmo tempo, podem ser usados por alguns pesquisadores para tentar a eugenia da espécie humana, introduzindo modificações gênicas absurdas, como fizeram os nazistas. A bioética foi criada exatamente para prevenir esses desvios hediondos.

INTUIÇÕES E FICÇÕES CIENTÍFICAS

Começamos do ponto mais simples e óbvio: os bio-cientistas distinguem entre terapia e aperfeiçoamento da vida. A terapia, na tradição médica, é a cura de enfermidade para que a pessoa volte ao estado normal de higidez. Já o aperfeiçoamento ultrapassa esse limite e intervém na estrutura biopsíquica, com o objetivo de melhorá-la. Certamente, as terapias curativas são sempre, *a priori*, desejáveis e éticas, mas os aperfeiçoamentos das estruturas genéticas colocam sérios problemas científicos e éticos, pois não se sabe que efeitos poderão aparecer em médio prazo e, muito menos, nas gerações futuras distantes. Por exemplo, os cientistas não esperavam que a

ovelha Doly, cuja clonagem despertou muitos interesses e esperanças, fosse morrer de “velha” em apenas 6 anos.

Ainda mais delicada é a intervenção na genética humana, pois não envolve apenas biologia, mas muitas questões morais que não podem ser avaliadas por técnicas laboratoriais, mas por conceitos éticos, filosóficos, religiosos, jurídicos e políticos, que não visam limitar o esforço da ciência e nem o legítimo desejo humano de transcender-se; podem, porém, limitar o uso dos resultados científicos. A ciência é livre na pesquisa, mas o uso de seus produtos depende da sociedade.

A Humanidade, desde a Antiguidade, pensou em uma forma de superação de seus limites. Sente em si uma potencialidade que pode levá-la para além do que ela é hoje. O platonismo e depois o estoicismo acreditavam que a inteligência humana vinha de uma região divina e para lá voltaria. É a transcendência metafísica: “*non totus moriar*” era a esperança que animava Platão, Plotino e suas escolas. A era judeu-cristã aperfeiçoou essa expectativa à luz da bíblia, segundo a qual o homem tem um destino eterno não só no espírito, mas também no corpo, no fim dos tempos: é a transcendência teológica.

Esses conceitos foram modificados na era Moderna, quando a filosofia, por primeiro, distanciou-se da tese cristã da unidade intrínseca da alma e corpo formando uma só realidade, a pessoa. Descartes, por exemplo, considerava o corpo uma máquina um pouco mais perfeita que as outras. A alma ocupava um lugar na base do cérebro de onde emitia seus comandos ao mecanismo corporal. Só ela é perfectível, “só ela é capaz de transcender-se”. Já para J. Jacques Rousseau, o ser humano é “um animal perfectível”, portanto, capaz de transcender-se pela produção de instrumentos, que fortalecem o corpo e pela cultura, educação e política, que elevam a alma.

Na transição do iluminismo para a filosofia contemporânea, Nietzsche, no “Assim falou Zaratustra”, profetiza o “advento do super-homem”, que terá qualidades morais muito superiores às nossas. Em conclusão, a filosofia moderna propõe uma transcendência imanente do homem; isto é, seu destino seria um contínuo melhoramento e progresso no tempo: é a ideia de um ser que progride indefinidamente. A ideia de progresso indefinido da filosofia moderna substituiu a finitude da história e da vida humana, defendidas pela metafísica e teologia do Mundo Antigo.

Essas crenças religiosas e abstrações filosóficas caíram como uma luva na mão dos biólogos contemporâneos, que não se interessam nem pelas propostas da transcendência eterna e nem da transcendência temporal pelo progresso da cultura; no lugar de tudo isso, eles perseguem uma transcendência biológica. A ciência pesquisa a maneira de potencializar, reforçar as qualidades de nossa vida biológica e psíquica: seria o transhumanismo científico que reforça o homem pela aplicação de técnicas e drogas farmacêuticas capazes de melhorar saúde, longevidade, bem-estar corporal e felicidade. Para alcançar essas metas, a biologia recorre a exames genéticos, pré-natais, uso de drogas para apagar memórias indesejáveis, como a lembrança da morte de amigo ou de um desastre; serve-se também do controle genético para detectar doenças, determinar sexo, cor dos olhos e administrar substâncias que alteram a massa muscular, etc.

Assim, o transhumanismo pretende libertar o homem ajudando-o a transpor, transcender a submissão, até agora incondicional, às leis biológicas da evolução da vida. Alguns pesquisadores acreditam que, em breve, dominarão todas as conexões sinápticas do cérebro, o que tornaria possível uma réplica exata do cérebro humano que poderia funcionar dentro de um computador; seria um “cérebro pensante mecânico” com a chance de durar indefinidamente.

Portanto, a tendência pós-humanista entende ajudar o ser humano a transcender sua dependência determinista às leis biológicas só agora detectadas e controladas pela ciência.

Uma outra tendência pós-humanista entende que a vida está ameaçada por poderosas forças externas naturais, como bactérias, que provocam o aumento de novas enfermidades de difícil controle. A ciência biológica humana tenta criar condições de montar um escudo de proteção para as novas condições adversas que possam surgir.

Ademais, alguns biólogos acreditam que estão em condições de criar seres “pós-humanos” mais fortes e mais saudáveis, com sensibilidade mais desenvolvida que a atual; aumentariam também a capacidade mental de controlar as emoções e, sobretudo, garantir um maior potencial intelectual. Seria um real aprimoramento da nossa espécie, inclusive na sua dignidade ética; esses cientistas acreditam que, na era da ciência, a dignidade consiste em ser o que somos (seres biológicos) mais o desenvolvimento científico do potencial que está em nossos genes. O sis-

tema ético também seria ampliado, incluindo no espaço ético pessoas tecnicamente modificadas e pessoas naturais: seria uma nova ética para os tempos da biotecnologia humana.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Evidentemente, o pós-humanismo é ainda um sonho, uma ficção de alguns cientistas. Além das dificuldades científicas para encontrar os caminhos da concretização desse projeto, existe a imensa dificuldade de transpor outros setores não menos científicos, que trabalham sobre o ser humano, como a filosofia, a ética, teologias, direito, a sociedade jurídica e política. A biotecnologia humana, portanto, não está sozinha no labor do aprimoramento do ser humano. Não podemos pensar na modificação da natureza humana olhando “esta corporeidade biológica” só sob aspecto científico. São muito sérias e severas as perguntas: o ser humano geneticamente modificado será ainda um ser de nossa espécie? Não será ele um robô? Será uma “máquina pensante”? Um super-computador? O editor da “Enciclopédia de bioética”, Stephen Post, com toda razão, sugere que o pós-humanismo não passa de um “cientificismo” que ignora a contextualização da existência humana. Para ele, o pós-humanismo visa substituir o ser humano natural pelo “ser humano tecnologicamente construído”. Sintetizando, essa reengenharia abandona a vida humana natural para cultivar a “robótica humana”.

Por tudo o que dissemos da existência humana, por trás dessa crítica pertinente, se encontra uma estrutura humana muito mais profunda. O biocientista não pode ignorar outras realidades tão presentes no homem quanto seus genes e DNA. Essa profundidade biológica, legitimamente explorada pelo cientista, não exclui a dimensão da razão, da consciência, da liberdade. Essas realidades têm, certamente, uma raiz biológica, mas escapam do campo da experiência da ciência laboratorial. É preciso recorrer a outro saber, filosófico, para tratar delas. Por exemplo, o biocientista pode melhorar a felicidade humana no nível biológico: o bem-estar corporal com saúde, integridade física, a superação medicamentosa de angústias psíquicas, mas escapam de sua área a felicidade de espírito, que a fé produz na radicalidade de ser humano; escapa-lhe a análise da alegria pela liberdade política; escapa-lhe a imaginação poética, artística e os enlevos da música; escapa-lhe

as profundidades metafísicas alcançadas por pensadores antigos e contemporâneos. Ciência empírica nenhuma tem competência para tratar disto.

A paz de espírito filosófica e a felicidade religiosa não nascem de genes, mas do sentido que cada um de nós confere à sua vida. Isto é, a paz e a felicidade interferem sobre a estrutura psico-corporal do homem, mas se originam na filosofia de vida das pessoas. Outra vez, essas realidades escapam do exame laboratorial do cientista e nem por isso deixam de ser realidades internas do homem tanto quanto seus genes e DNA. Todas essas são dimensões do mesmo ser biológico estudado pelo cientista; um verdadeiro cientista não ignora isso e nem um autêntico filósofo deixará de reconhecer a profundidade da biologia humana, tarefa do cientista. Enfim, nem o geneticista pode ignorar a razão, a consciência e a liberdade em nome do cientificismo e nem o filósofo pode isolar-se em um abstracionismo celestial.

A realidade humana é mais complexa que isso. Ela se transcende sempre; transcende-se na genética pelo aprofundamento de nossas estruturas biológicas; transcende-se na racionalidade pela cultura, produzindo teorias filosóficas, criando religiões, produzindo ciência, arte, música e poesia; transcende-se, ainda, pela convivência social e pela política. É isso tudo que modifica o ser humano mantendo sua identidade original. Estamos bem longe do homem primitivo; se ele saltasse por cima dos milênios e viesse ao século XXI, provavelmente diria que isso que ele encontra agora não é mais um homem, mas uma espécie de divindade.

Essa é a transcendência que mantém a identidade radical; o dito homem pós-humano assemelha-se mais a um “Robô pensante”, “máquina inteligente” que um computador, mas nunca um ser humano desenvolvido a partir de um óvulo e esperma.

CONCLUSÃO

Isso tudo faz pensar que é preciso agir com sabedoria e prudência em se tratando do ser humano sumamente complexo, síntese que é da matéria e espírito, de tempo e eternidade, de biologia e história. A sabedoria manda tomá-lo como um todo, biológico e racional, que forma uma totalidade inesgotável, qualquer que seja a abordagem, biológica ou filosófica.

A sabedoria nos convida, biólogos e filósofos, a confessar nossa ignorância face à totalidade que nós somos. Daqui, dessa compreensão de totalidade, deduz-se a prudência ética no tratamento desse ser. A prudência sugere decisões ponderadas, equilibradas na análise científica ou filosófica do homem; sugere que não consideremos as respostas científicas em biologia como reveladoras da totalidade humana, do mesmo modo que a racionalidade, a liberdade e a consciência não são todo o homem. Isto é, a prudência sugere que tomemos equilibradamente essas respostas, o que significa reconhecer o limite delas. Isso é tratar eticamente as coisas humanas.

Enfim, é bem-vindo e louvável que os transhumanistas entendam melhorar nossas possibilidades biológicas para que tenhamos vida mais longa e saudável; queiram potencializar também nossas capacidades de inteligência, memória e agilidade nas decisões. Mas, quando os cientistas falam da “mente computadorizada” certamente se entende “memórias armazenadas” em um aparelho como a “memória” do computador, pois é impossível imaginar que uma máquina produza a “mente viva”, capaz de argumentar, raciocinar, criticar, mudar compreensões e construir novas teorias; esta é uma área inacessível à pesquisa laboratorial físico-biológica e só abordável por outra via, a metafísica.

Certamente é acessível à pesquisa científica a tentativa de verificar se, durante o exercício da mente, se manifesta alguma alteração neuronal. Por exemplo, é possível que, durante a ação mediúnica na qual o Mèdium inconscientemente psicografa uma mensagem do Além-mundo, haja uma alteração neuronal que o cientista registra. Esse tipo de pesquisa laboratorial é estupendo; ele se coloca na tradição multimilenar dos filósofos que se esforçam, até hoje, para explicar a relação entre a mente espiritual e a condição corporal do homem. Nenhum filósofo conseguiu elaborar uma teoria filosófica plenamente confiável; por isso, há que saudar o pesquisador laboratorial que, por via científica, chega às mesmas perguntas dos metafísicos. Em uma palavra final, esse debate sinaliza para a urgência da integração dos saberes, na certeza que todos eles colaborem para desvendar o mistério da vida e do existir social. Mais uma vez, a sabedoria filosófica e metafísica não colide com a ciência e tecnologia empíricas, hoje dominantes; ambas, sabedoria e ciência, são produzidas pela mente investigadora do ser humano. Por isso, seria absurdo que elas não convivessem no projeto de fazer o ser humano sempre mais feliz e conhecedor dos mistérios da natureza e da biologia humana.

Recebido em: 10 de agosto de 2011

Aprovado em: 24 de agosto de 2011